

PIONEIROS



Argemiro José Cardoso

Brasília, inspiração profissional e literária

Arquivo pessoal

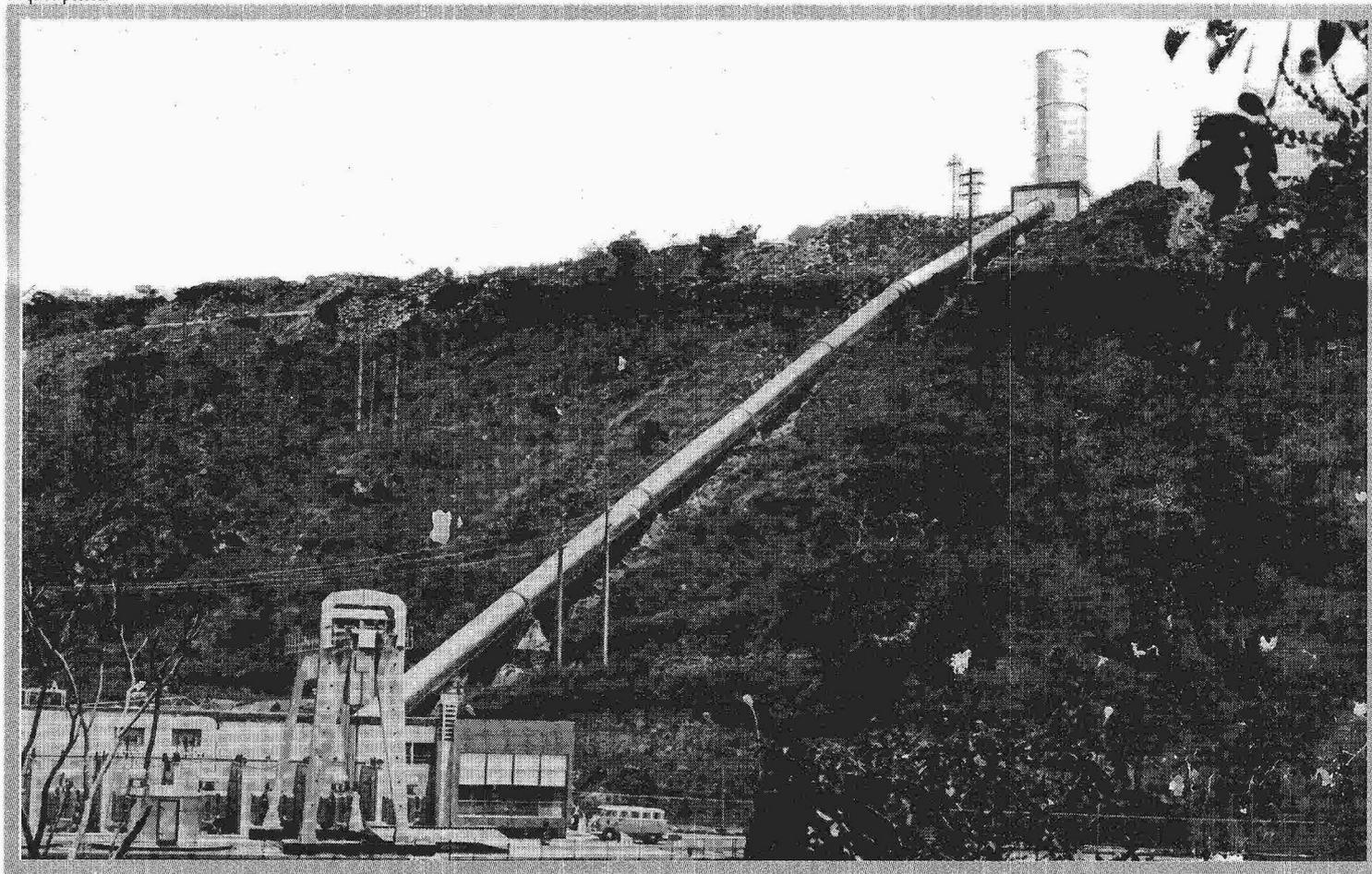
STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Pouco tempo de prosa com este pioneiro é suficiente para descobrir sua paixão pela nova capital, traduzida espontaneamente em forma de poema. O poeta Argemiro José Cardoso é um apaixonado pela cidade que ele próprio ajudou a construir. Cada gesto, cada ato de bravura dos operários e de outros tantos desbravadores ficaram guardados na memória afetiva do então funcionário da Novacap, por meio de versos.

O conjunto arquitetônico da cidade, o céu de Brasília e a imensidão do horizonte são motivos de inspiração para o pioneiro e ainda o emocionam. “É o que acontece contemplar em Brasília a lua, na sua cósmica vigília”, descreve o escritor no livro *Argumentos Poéticos*.

Eclético e bastante sensível, o ex-presidente da União Brasileira de Estudantes Secundários faz questão de declarar seu entusiasmo e orgulho pela realização do grande feito que foi a construção de Brasília “...quis o destino menino que o homem Juscelino, numa pradaria da esterilidade, criasse Brasília cidade para o umbral da eternidade e capital do Brasil.” Os olhos do escritor se enchem de lágrimas quando lem-



bra do esforço patriótico dos milhares de trabalhadores irmanados pelo ideal de construção da capital: “Separa as lágrimas de dor e alegria de cada operário pioneiro de Brasília nascesse uma flor no solo do cerrado, Brasília seria um imenso jardim vegetal. Não sendo isso possível, a capital fica somente como um jardim de flores sociais, os seus seres humanos, enfeitando o Planalto com seus exemplos e esforços na busca de dias melhores”.

A poesia de Argemiro ganhou

inspiração com a definição das obras arquitetônicas e o estilo moderno e arrojado do traçado da capital. Já o entusiasmo e a bravura, ele carrega desde os primórdios da década de 60, quando deixou Goiânia para tentar a sorte na capital federal. “Assim como muitos pioneiros, larguei tudo — o conforto do lar, a boa oratória e a vida social — certo de que aqui eu poderia encontrar-me com o destino”, declara o pioneiro que chegou a Brasília em 1959. Com os cursos

de eletrônica, telecomunicações e eletrotécnica no currículo, aos poucos ele ia adquirindo conhecimentos para ingressar na faculdade de Engenharia Elétrica, um grande sonho a ser realizado anos depois.

Convidado naquele mesmo ano por um engenheiro do Departamento de Águas e Esgoto da Novacap para ser fiscal de montagem eletromecânica na construção da Adutora do Torto, Argemiro integrou a equipe que enviou a primeira gota de água para

abastecer a nova capital.

Depois de prestar alguns serviços técnicos para empresas privadas, Argemiro era reconhecido pelo trabalho exemplar e dedicação. Tais virtudes levariam

NA ADUTORA DO TORTO, ARGEMIRO FOI O FISCAL DE MONTAGEM ELETROMECÂNICA DO SISTEMA

PIONEIROS

Técnico na área elétrica, ele chegou à nova capital e integrou a equipe que fez jorrar as primeiras gotas de água nas torneiras do Distrito Federal

ARGEMIRO COM O FILHO FERNANDO AUGUSTO E A NORA DANIELA



o ex-funcionário da Centrais Elétricas de Goiás (Celg) a trabalhar no Departamento de Força e Luz de Brasília, atual CEB. Fez viagens ao Canadá, Estados Unidos e Itália, estagiando em fábricas e obras da Pirelli — fornecedora exclusiva de cabos subterrâneos de alta-tensão para o Brasil. “O material para a construção da rede elétrica de Brasília vinha da fábrica de São Paulo em supercarretas”, lembra o desbravador.

A experiência e os conhecimentos adquiridos no exterior o levaram a ocupar o posto mais alto do Serviço de Rede Subterrânea de Alta Tensão. Além de transmitir as novas tecnologias de emendas de cabos subterrâneos e subaquáticos aos empreiteiros em Brasília, ele ainda fiscalizava a instalação da rede elétrica.

Racionamento

O pioneiro da eletrificação ficou conhecido em toda a cidade por seus atos de coragem. Era Argemiro — na ocasião chefe de Despacho de Carga Elétrica da CEB — que interrompia o fornecimento de luz das residências. “Tudo era feito por motivo de racionamento”, garante o engenheiro, que chegou a desligar a luz das residências da Vila Planalto, Sobradinho, Gama, Taguatinga, Núcleo Bandeirante e Candangolândia. “Só deixava as luzes do Plano Piloto, de alguns hospitais e as do Exército”, acrescenta.

Nessa época, a energia que abastecia a cidade de Brasília era insuficiente e vinha da usina do Paranoá, da Celg — vendida pelo governo de Goiás —, de duas usinas térmicas e de algumas unidades móveis. O jeito então era racionalizar energia.

Como em Brasília não existia

ainda o curso de Engenharia Elétrica, o técnico eletricista encontrou nas cadeiras de Física e Matemática da UnB alguns conhecimentos até ingressar na faculdade de seus sonhos. A grande oportunidade surgiu com a Revolução, quando a Universidade de Brasília sofreu uma evasão de estudantes e professores. Convidado a ocupar o cargo de assessor de gabinete do reitor Laerte Ramos de Carvalho, Argemiro conseguiu um convênio com a PUC-Rio para transferir os estudantes para que lá concluíssem os seus cursos, interrompidos no início do regime militar.

Após o grande feito, Argemiro foi convidado pelo reitor da PUC a fazer o tão sonhado curso de Engenharia. “No último ano da faculdade, o novo reitor da UnB cortou a minha bolsa. Sem dinheiro para continuar os estudos e pagar o aluguel, fiquei na rua”, lembra o estudante, que foi

ajudado pelo reitor da PUC-RJ que o isentou da anuidade e o contratou como professor daquela universidade, pela qual foi diplomado em Engenharia Elétrica. Faltando apenas doze dias para concluir o curso, o reitor da UnB, José Carlos de Almeida Azevedo, o convidou para ministrar aulas no curso de Engenharia da Universidade de Brasília, o que fez entre 1968 e 1996, até se aposentar.

Amigo incondicional de Tancredo Neves — o conheceu quando era senador, num jantar no Hotel Nacional —, ele ainda guarda boas recordações do mineiro que gostava de economizar nas palavras, mas “era um bom ouvinte e exercia uma atenção fabulosa para com seu interlocutor”, lembra Argemiro.

Companheiro de aventura do eterno Bernardo Sayão, nas estradas lamacentas do Planalto, o agora consultor técnico do Con-

“**ASSIM COMO MUITOS PIONEIROS, LARGUEI TUDO — O CONFORTO DO LAR, A BOA ORATÓRIA E A VIDA SOCIAL — CERTO DE QUE AQUI EU PODERIA ENCONTRAR MEU DESTINO**”

Raio X

Nome: Argemiro José Cardoso
Idade: 65 anos
Origem: Goiandira, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1959
Estado Civil: divorciado
Profissão: Escritor, empresário, engenheiro e professor da UnB
Filhos: Cláudia, Fernando Augusto, Octávio Augusto e Carolina (todos nascidos em Brasília)
Netos: Otto Cristian, Luíza Mercedes e Thales Luis (filhos de Cláudia), Guilherme e Bernardo (filhos de Fernando)

fea também apertou a mão de Juscelino como líder estudantil e como operário.

Hoje, o pioneiro é recordista americano de disciplinas lecionadas por um professor, na área de tecnologia. Autor de centenas de projetos de engenharia e de 29 livros sobre tecnologia, biologia, sociologia, poesia e filosofia, o titular nº 1 da Academia de Letras de Brasília consegue mesclar a engenharia e a poesia fazendo destas instrumentos de trabalho e inspiração para a vida. Como descreve no poema sobre a Ponte JK: “na madrugada, durante o silêncio da concha acústica do nada, a brisa leve que franze as águas do lago, ao vibrar os tirantes, estará entoando uma canção, não para os ouvidos humanos, mas que o tempo sempre compõe para a sua mãe eternidade. É o que ocorre em Brasília quando a engenharia se irmana à poesia.”